

Aimberê Botelho do Amaral¹

RESUMO

Este trabalho assegura que existe uma língua informal em oposição a uma língua oficial, a língua do establishment, a língua dos gramáticos, e que esta língua informal é claramente discriminada pelas elites. Ele propõe, portanto, que este preconceito poderia muito bem ser vencido no interesse não apenas em se equipar o professor com uma valiosíssima ferramenta, mas também no interesse de promover uma melhor relação entre as pessoas. Uma breve pesquisa de autores como Labov, Chomsky, Whorf e Marx é realizada a fim de se estabelecer a base para a proposta de que a língua informal não é meramente uma forma degenerada, mas um meio altamente complexo de expressão popular. O trabalho analisa, então, aspectos sociais no Nordeste do Brasil como fatores determinantes da existência de um forte e atrativo vernáculo.

ABSTRACT

This paper asserts that there is an informal language as opposed to the official language of the establishment and grammarians, and that this informal language is clearly discriminated by the elite. It propounds then that this bias could well be overcome in the interest not only of equipping the teacher with an invaluable tool but also in the interest of improving relations between persons. A brief survey of authors such as Labov, Chomsky, Whorf and Marx is carried out in order to establish the basis for the proposition that the informal language is not merely a degenerated form but a highly complex medium of popular expression. The paper analyses then social aspects in the Northeast of Brazil as shaping agents of a very strong and attractive vernacular.

1 O PRECONCEITO

Recentemente num programa de rádio, uma ilustre professora, autora de livros infantis, ao ser perguntada se tinha uma preocupação sobre a linguagem utilizada em sua obra, respondeu que procurava sempre usar a “língua correta, nossa língua portuguesa que é tão bonita”. A língua “correta”, neste caso, é a língua formal, a língua do “establishment”, a língua das gramáticas. Este tipo de resposta, dada por um leigo, é até compreensível, mas quando se trata de um profissional envolvido em atividades educativas, torna-se extremamente preocupante.

Na verdade, este caso ilustra não só a ignorância mas também a existência de um preconceito muito comum, profundamente enraizado entre as pessoas. Poderíamos aqui listar dezenas de exemplos semelhantes, pois não há quem, em sua vivência, não tenha observado este tipo de argumento, ou seja, de que existe realmente uma língua correta em oposição a uma língua incorreta.

Este trabalho busca, pois, examinar este preconceito, buscando estabelecer suas origens e indicar as instâncias em que a dicotomia língua formal/língua informal, e não língua correta/língua incorreta, pode ser explorada em benefício não só da comunicação, mas também do exercício da cidadania e da tolerância. Desde logo, convém estabelecermos que não trataremos aqui de desmontar ou desclassificar a língua formal ou, de algum modo, descartar a sua importância. Não há como se negar que a sua existência é perfeitamente aceita como elemento de normatização do processo comunicativo, estabelecendo a ordem necessária em meio a tão rica diversidade.

O reconhecimento da existência de uma língua informal, correta e perfeitamente aceita ainda encontra muita resistência, mesmo no mundo acadêmico. No

¹ Mestrando em Letras, Língua Inglesa, UECE.

entanto já se pode enumerar vários casos promissores, como o do autor norte-americano William Labov que no seu livro "Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular", não só indica a existência de um vernáculo negro, mas passa um entusiasmado aval de sua eficiência:

The vernacular used by working-class speakers seems to have a distinct advantage over more educated styles. We have not been comparing black and white vernaculars; but in this respect, it should be clear that the black vernacular is the vehicle of communication used by some of the most talented and effective speakers of the English language.

A capacidade de penetração dessas idéias já se faz sentir entre pensadores locais como bem ilustra a citação abaixo retirada de um artigo² de Gilmar de Carvalho, pesquisador da cultura popular:

Essa poética, enquanto manifestação das camadas subalternas, não se fossiliza nem se deixa domesticar, e mantém a sobre-vida, apesar de tudo, na reinvenção e sonoridade da fala ou no jato de spray dos pichadores que inscrevem em nossos muros uma caligrafia indecifrável dos anseios e falta de perspectiva dos jovens da periferia, visualmente poética em seu estranhamento iniciático.

Outro autor que descobriu o apelo da língua informal foi o jornalista José Simão, que publica a sua famosa coluna em vários jornais do país. Em entrevista concedida ao jornal *O Povo*, ao ser perguntado sobre o uso de uma linguagem "debochada" que a entrevistadora fez questão de frisar, opõe-se ao português correto [sic], ele respondeu ficando bem claro o seu objetivo, mas deixando escapar também um certo preconceito:

Mas é feito de propósito. Não é que eu escreva errado. O que eu quero colocar na coluna é uma linguagem falada, como se fosse um programa de

rádio. Mas capricho na linguagem escrita. Nós sofre mais nós goza é para dar essa coisa de povo mesmo. Faço questão de escrever assim.

As grandes criações estilísticas, praticamente reinventado a linguagem, que encontramos nas obras de João Guimarães Rosa e James Joyce, para citar dois notáveis, atestam a sintonia obtida por estes autores entre a língua formal e a língua informal. Ao mesmo tempo que mantêm o rigor da linguagem formal, eles vão buscar na língua informal os elementos vitais ao processo criativo. Assim é que encontramos em suas obras vocabulário, expressões e técnicas de discurso próprios do falar do povo que, se não se apresentam claramente registrados, estão presentes na circunvolução dos seus processos criativos.

O lado inconsciente, a busca no grande reservatório genético onde se origina a linguagem, pode ser sentido no processo criativo quando os autores, lembrando que são citados aqui como exemplo, mas que muitos outros podem passar o mesmo atestado, deixam rolar livremente a pena, a mão, o teclado, na busca de registrar os processos mentais dos personagens através do que se convencionou chamar de "stream of consciousness".

2 GENERALIDADES

Neste ponto, a fim de estabelecermos mais um elo com os tipos de preconceito mais comumente associados à língua, analisaremos o conflito existente entre o falar e o pensar, exposto por Whorf em um importante artigo intitulado "Science and Linguistics". Este conflito, na análise de Whorf, se deve ao fato de todos terem o poder da linguagem e assumi-la sem outras contestações. Além do mais, ele é agravado pelo fato de a linguagem ser sentida como um "fait accompli", impermeável à mudança. Claro que isto não é um simples acidente: estas idéias equivocadas sobre o falar *versus* pensar estão baseadas no senso comum que Whorf preferiu denominar de lógica natural.

A lógica natural estabelece que o falar lida apenas com a comunicação e não com a formulação de idéias que, para esta lógica, é um processo independente, separado do uso da linguagem.

Whorf propõe então que, contrário a este senso comum ou lógica natural, as línguas são de fato responsáveis por nossa percepção do mundo, isto é, que

² Poéticas Populares, publicada pelo jornal *O Povo*, Caderno Vida e Arte, em 27/9/97

³ Publicada pelo jornal *O Povo*, Caderno Vida e Arte, em 2/10/97

as línguas modelam as idéias. Ele prossegue para mostrar que a lógica natural é um processo pre-conceituoso de pensamento. Ele ilustra sua proposta com o exemplo de um povo hipotético que só podia ver a cor azul devido a um igualmente hipotético defeito fisiológico. Neste caso eles só poderiam formular a regra de que viam apenas o azul se, de algum modo, sobrepujando este “handicap”, pudessem ver outras cores, isto é, ter uma base para comparação. Após ter, deste modo, preparado o terreno, ele propõe finalmente sua famosa hipótese de que a nossa língua determina o que somos, como percebemos a natureza, i.e., que nós “dissecamos a natureza de acordo com linhas estabelecidas pela nossa língua nativa”. Este determinismo assegura que não somos livres “para descrever a natureza com absoluta imparcialidade”, que somos “constrangidos a certos modos de interpretação”. As línguas são, portanto, como filtros através dos quais percebemos a natureza.

Uma avaliação crítica de Whorf poderia seguir exatamente na direção oposta, ou seja, que o mundo tem existência independente e leis bem definidas e que qualquer ser humano, se cientificamente treinado, vai percebê-lo da mesma maneira. O primeiro homem que inventou a linguagem, fê-lo a partir de um modelo que já se encontrava embutido em seu cérebro. Apesar da existência deste processo inconsciente, as palavras que ele criou e a ordem delas foram originadas como um resultado de suas necessidades, seu meio ambiente e a sua própria percepção limitada ou distorcida do mundo. A linguagem seria, portanto, o resultado das necessidades de um certo povo que a cria de acordo com uma capacidade limitada ou privilegiada a fim de se comunicar.

A aceitação da existência de uma língua informal, rica e produtiva, passa necessariamente pelo conceito de universais lingüísticos tão brilhantemente explorado por Chomsky quando expõe que a linguagem é inerente ao ser humano que, ao nascer, já traz consigo um modelo, uma “tábula rasa” onde será inscrita a língua, qualquer que seja ela, à qual será exposto. Sentimos aqui a existência de processos instintivos, geneticamente arraigados, que podem explicar a riqueza criativa da língua informal. Chomsky chama este modelo básico de construção lingüística de “universal grammar”. Uma língua é mais do que os fenômenos superficiais de sons, palavras e ordenamento. Todas as línguas partilham de uma outra estrutura mais profunda composta de um conjunto limitado de princípios de organização. Chomsky revolucionou o estudo das estruturas das línguas com a sua teoria da gramática transformacional gerativa. A idéia que

parece dominar a teoria de Chomsky é que existe um conjunto comum de regras que governa um processo inconsciente na formação de qualquer língua. As regras desta gramática transformacional fornecem a geração do número infinito de sentenças possíveis em qualquer língua. Chomsky introduziu o importante conceito de estrutura profunda e estrutura superficial. A estrutura profunda é o plano básico da língua equivalente à habilidade inconsciente do ser humano para produzir a fala. A estrutura superficial inclui as diferentes formas que a língua toma, quando as regras transformacionais são aplicadas à estrutura profunda. A estrutura superficial ramifica-se da estrutura profunda.

Um registro entre a fala e a língua escrita deve ser também feito aqui. Talvez porque a fala seja mais antiga do que a escrita, a primeira seja vista como inferiorizada ou sobrepujada pela modernidade da escrita. O primeiro esforço de comunicação humana veio diretamente na forma falada. A escrita requer um alto grau de sofisticação que nossos ancestrais, na luta diária para escapar de seus inimigos naturais, os mais perigosos dentre eles sendo os répteis com os quais uma batalha mortal e definitiva foi travada, não poderiam possivelmente ter. Mas eles sabiam que poderiam produzir sons e que era possível transmitir mensagens por meio destas elocuições. As primeiras emissões foram, é claro, cruas expressões de ira ou apreensão que, eventualmente, desenvolveram-se nos belíssimos sons das línguas que conhecemos hoje. Quando a fala humana se originou é difícil precisar. Pode-se especular que a fala se desenvolveu muito cedo na evolução humana, cerca de 4 milhões de anos atrás. A necessidade de transmitir mensagens rapidamente, num mundo extremamente hostil, provavelmente determinou a aparição da fala como um desenvolvimento daquelas elocuições guturais.

Uma boa parte do que é dito acima confina-se ao domínio da especulação, mas com respeito à escrita, não há qualquer dúvida de que ela veio depois da fala. E isto é fácil de ser inferido. É difícil imaginar-se seres humanos, primitivos que fossem, sem o poder de produzir sons, especialmente se formos particularmente atentos na observação de outros animais, para notar que os feitos vocais são habilidade quase universal entre os seres vivos. A escrita, por outro lado, é uma representação da fala. Uma invenção relativamente recente, a escrita não tem mais do que 6000 anos de idade. Ela é geralmente uma espécie de imitação visual da fonologia de uma língua onde o mesmo número de unidades é usado de acordo com os mesmos padrões de arranjo.

Alguns sistemas de escrita, contudo, como o chinês, são baseados diretamente nas idéias, numa espécie de desenho grosseiro, estilizado.

A fala é uma constante entre os seres humanos. Independentemente de origem, posição social, avanço tecnológico, a fala é uma presença constante em suas vidas diárias. O uso da escrita, contudo, demanda um certo grau de sofisticação de seus usuários, apesar da existência de sistemas de escrita em sociedades muito remotas e atrasadas. Estes sistemas eram, porém, muito insipientes, alguns deles desenhos grosseiros em pedras. Para se usar um sistema de escrita é necessário treinamento, enquanto se duas pessoas falam a mesma língua, não importa qual seja a formação, experiência, educação e personalidade delas, descobrirão uma maneira de falar sobre qualquer coisa que desejem, usando sentenças que nunca foram impressas. A verdade é que os seres humanos adoram falar. Como resultado, a fala tem uma clara vantagem sobre a escrita. Para registrar a fala é necessário grande esforço e treinamento. A fala pode também transmitir uma ampla faixa de sentimentos humanos por meio de simples e imediatas variações em entonação. A escrita, por outro lado, é o grande meio pelo qual os seres humanos registram a fala, deste modo tornando possível que ela seja preservada e passada para outros. Na atualidade, a escrita se tornou um valioso instrumento no processo comunicativo das várias culturas humanas. Uma das principais dificuldades em se aprender uma outra língua, e a principal fonte do aparecimento do sotaque, é precisamente os sistemas escritos. A maioria das línguas modernas usam aproximadamente o mesmo alfabeto. Apesar de um alfabeto comum, as línguas diferem muito em valores fonéticos que cada símbolo recebe em cada língua.

O desenvolvimento da sociedade humana como um todo tem lançado os sistemas de escrita para uma posição de grande destaque. Uma crescente comunidade de estudantes, professores, cientistas deve recorrer à língua escrita para registrar suas descobertas. Contudo, não se pode esquecer a riqueza, criatividade e ritmo célere das línguas em suas formas faladas como uma das grandes revelações do gênio humano.

3 O ENFOQUE IDEOLÓGICO

Dentre os argumentos utilizados para explicar a rejeição à língua informal, sem dúvida, a questão

ideológica parece ser a mais forte. Seria esta uma prática consciente das classes dominantes para manter o poder? Ou haveria alguns aspectos mais sutis do inconsciente? As elites estão acostumadas ao poder e sabem que ele é bom para elas, especialmente no sentido de assegurar para si o bem-estar, incluindo-se aí a boa alimentação, a boa educação dos filhos, acesso aos bons serviços de saúde e à prática de atividades relacionadas ao lazer. Além disso, elas reconhecem também a importância da atividade política como elemento de manutenção do *status quo*.

Independentemente da resposta a estas questões, uma certeza existe que é o sentimento de superioridade das pessoas favorecidas pela educação formal. Mesmo uma pessoa de grandes posses financeiras seria olhada com reserva, como é o caso de novos ricos que não dominaram ainda a língua da classe para a qual estão ascendendo. Mesmo indivíduos com formação superior, mas que mantêm hábitos provincianos no falar, serão vistos como inferiores. Tom Wolfe, em seu livro "The Bonfire of Vanities", bem-humoradamente registra este tipo de preconceito no desconforto do marido com o falar da mulher:

That was another thing. Since the baby nurse had arrived, Krammer had also become acutely aware of the way his wife talked. He had never noticed it before, or hardly. For the past four years she had been an editor at Waverly Place Books. She was an intellectual, or at least she seemed to be reading the poetry of John Ashbery and Gary Snyder when he first met her and she had also a lot to say about South Africa and Nicaragua. Nevertheless, a forehead was a fuh-head and there had no r at the end, but saw did.

Marx e Engels, de modo esparso mas muito consistente, discutiram sobre a lingüística e o que podemos abstrair do pensamento destes grandes mestres que ilustram, em última instância, o grande leque ideológico da esquerda, é que a linguagem é definitivamente um fenômeno social, ou seja, "... a linguagem, como a consciência, só surge da necessidade, a necessidade de intercâmbio com outros homens" ("A Ideologia Alemã", v. A, 1). Neste ponto a proposta marxista difere da concepção chomskiana de que a linguagem é um atributo inerente, biológico do homem. O ponto de convergência entre consciência e linguagem,

proposto por Marx, vai, de certo modo, ao encontro da tese de Whorf que igualmente explora as relações entre linguagem, pensamento e realidade. Engels, por seu lado, fortaleceu ainda mais a idéia de Marx ao propor sua tese empírica de que a linguagem tem origem no trabalho.

Marx enfoca também que o poder das classes dominantes permeia todos os segmentos da sociedade, inclusive o uso da linguagem, numa clara componente ideológica.

A pirâmide social brasileira é bem característica do Terceiro Mundo. No alto, em pequeno número, encontram-se os grandes empresários, os tecnocratas gerenciantes das empresas estrangeiras e a aristocracia representada pelos detentores de altos cargos nas forças armadas, no parlamento, na igreja, nos sindicatos, etc. A classe média mais numerosa engloba funcionários públicos de alta qualificação, profissionais liberais, executivos, o baixo clero, pequenos proprietários, etc., que aspiram a ascender ou a tirar alguma vantagem e, deste modo, servem aos interesses da classe dominante.

Abaixo desses conglomerados, encontra-se a grande classe marginal dos pobres, representados por descendentes de negros e de índios, moradores das periferias dos grandes centros urbanos e das regiões pobres do campo. Fortemente oprimida, esta classe reúne os elementos de transformação social, pois, alijada do sistema, não encontra outra alternativa senão a proposta de uma outra sociedade em que possa ter vez. Esta força encontra-se, no entanto, fortemente reprimida não só pela falta de organização do povo, mas também pelos fortes grilhões que lhe são impostos. Este potencial que no Brasil tem permanecido relativamente estacionário com relação aos aspectos políticos é, no entanto, altamente produtivo no que diz respeito às expressões populares, como a dança e a fala.

4 A LÍNGUA INFORMAL NO NORDESTE

Uma verdadeira revolução cultural tem ocorrido no Nordeste, especialmente em Fortaleza, onde o renascimento do forró realizou a façanha a tanto reclamada e, até então, embalde perseguida, que foi o alijamento ou pelo menos uma sensível diminuição da presença da música americana das rádios locais. Podemos dizer que o momento de efervescência criativa que ocorre na arte popular de cantar e dançar, marcada

por um grande orgulho e fixação de uma identidade, tem uma equivalência no falar onde o enfrentamento do preconceito se torna patente. Esta relação entre aspectos sociais e mudanças que ocorrem na língua são registrados por Labov ("Sociolinguistic Patterns", 1984), como um fenômeno de grande força e de incidência não no passado, mas no presente:

... one cannot understand the development of a language change apart from the social life of the community in which it occurs. Or to put it another way, social pressures are continually operating upon languages, not from some remote point in the past, but as an immanent social force acting in the living present.

Paralelamente à música, desenvolveram-se as maneiras de dançar, com destaque para a Bahia com suas versões estilizadas do pagode, e o Ceará, com formas igualmente modernas do xote e do baião. A fala, como a seguir esta revolução, ou mesmo puxando-a em muitas instâncias, atesta o grande poder criativo das classes populares. Orgulhosamente assumindo o seu vernáculo, o povo passa a convicção e valor que sente neste seu falar, cantando alto, com a famosa banda *Mastruz com Leite*, para todo o Brasil ouvir:

*... é que meu coração tem medo de te perder
e me obriga a fazer coisas que não pode ser
se eu não sentisse nada por você
eu não ligaria podes crer.
Sabe amor (sabe amor)
porque este amor combina assim
eu confio em você confio enfim
Só tenho medo que te rôbem de mim
("Medo de te Perder", Rita de Cássia. Ed. Passaré, 199?)*

Os falantes da língua informal são claramente discriminados pelo fato de usarem um vernáculo que não é aquele reconhecido como correto. Esta discriminação pode ser detectada não só entre os próprios pares, dentro da própria comunidade destes falantes, mas principalmente fora dela como na escola ou no trabalho, deste modo diminuindo-se, sensivelmente, as oportunidades de desenvolvimento social dessas pessoas.

O que se deseja com este trabalho é estabelecer o fato que existe uma língua informal, rica e produtiva, que pode coexistir pacificamente com a língua formal. A exploração desse conhecimento pode revelar-se extremamente útil nos processos educativos em geral, retirando do professor o preconceito e criando a oportunidade de se usar uma ferramenta de inestimável valor no trato com os alunos.

A aprendizagem de uma coisa nova, a aquisição de uma certa habilidade, ou expor-se à informação de um modo geral, é sempre uma importantíssima vantagem. Para um policial, por exemplo, a habilidade de usar adequadamente um revólver pode significar a preservação de sua própria vida. E devemos nos lembrar ainda que para continuar na ativa, esse policial precisa não apenas disparar sua arma, mas saber como dispará-la da melhor maneira possível. Além do mais, todos os assuntos que dizem respeito a armas e crime vão ajudá-lo a manter sua sobrevivência. A mesma linha de pensamento se aplica ao professor. Não que ele vá literalmente ser morto pelos estudantes, mas uma certa morte metafórica acontecerá se ele não estiver preparado para usar apropriadamente suas armas que, neste caso, são o conhecimento e as técnicas associadas a ele. O conhecimento tem um elevado valor intrínseco que ninguém em sã consciência vai desprezar como irrelevante, independentemente da atividade em que esteja engajado. O valor do conhecimento lingüístico é, portanto, essencial para o professor, não apenas pelo valor da pletera de informação derivada dele, mas também da percepção que o conhecimento é poder. O poder que se origina do conhecimento, associado aos aspectos práticos do conhecimento em si, tais como o funcionamento profundo dos mecanismos da linguagem, como ela é produzida no cérebro, como ela é articulada através do trato respiratório e como é modificada para representar a fala, a essência da aventura humana, poderia dar mais poderes ao professor fazendo-o sentir-se mais seguro, ajudando-o a explicar melhor as coisas e tornando-o mais criativo.

O conhecimento como poder deve ser o desiderato final de nossos esforços, contudo esta perseguição dele não deve se confinar ao apelo do poder em si, mas ao invés disso expandir-se para atividades criativas que eventualmente surgirão em sua esteira.

A esta altura gostaríamos de argumentar que a grande maioria das regras gramaticais na linguagem for-

mal são puras convenções e para ilustrar propomos uma inversão do que é ditado pelos gramáticos, mudando as expressões do tipo *vendem-se casas* com o verbo na 3ª pessoa plural, para a 3ª pessoa singular, ou seja, *vende-se casas*, estabelecendo a seguinte regra lógica que poderia ser pacificamente aceita:

em vende-se casas e os demais casos semelhantes o verbo fica na 3ª pessoa do singular para concordar com o sujeito, representado pelo pronome "se" que, por sua vez, para fins de entendimento, equivaleria a alguém, ou seja, a sentença poderia ser então expressa como "alguém vende casas".

6 UMA AMOSTRAGEM DA RIQUEZA DA LÍNGUA INFORMAL

Um passeio casual pelo linguajar nordestino, onde se vai coletando o material aqui e ali, revela elementos significativos que bem demonstram os parâmetros buscados de força e beleza.

Vocabulário

Fio, fia, usado em expressões afetivas pelas mulheres, mais comumente com relação a pessoas que não são parentes.

Caxa, mantega, robar, sube, trusse, bejo, eliminação do ditongo substituindo-o por fonema menos forçado. No espanhol esta troca já foi incorporada à língua formal e a palavra *rodeo*, por exemplo, já recebeu o beneplácito do léxico.

Macho ou a forma abreviada *ma*, usado nas expressões do tipo: *Diz aí, macho*.

Mulher, forma equivalente a *macho*, usada pelas mulheres.

Medonho, indicativo de grande quantidade ou intensidade. Exemplo: "Ele morava no Urucum e foi lá ensinar a cavar aqueles valados, aquelas trincheira, sim, ele foi. Eles eram uns home *medonho*" (Antonio Saturnino do Prado", jornal *O Povo*, Caderno Vida e Arte, 05/10/97).

Bucho, alternativo para barriga ou estômago.

Expressões

Meu deuso, para indicar irritação ou impaciência.

Galeuin dos ôi azu, filho bastardo.

Tá pôde, expressão exclamativa para enfatizar uma proeza. Por exemplo: Acabei de ganhar dez pau no macaco, tá pôde?

Cabra da peste, pai d'égua, pessoa valente, pessoa boa.

Fie duma égua, pessoa ruim.

Ôi de jipe, pessoa dos olhos grandes.

Nã, forma exclamativa, enfática do *não*, mais utilizada pelas mulheres.

Diminutivos

In e zin, os diminutivos em *in* e *zin* são o grande atrativo da língua informal. Vejamos, por exemplo, a expressão *ele é corredorzin que só ele* que passa uma gama de valiosas informações sutilíssimas no seu elaborado subjetivo, mas muito práticas no discurso.

Formas Verbais

Eu fui, tu foi, ele foi, nós fumo, eles foram, troca do “o” por “u” nas formas verbais da 1ª pessoa plural do indicativo. Troca do *tu foste* pela forma simplificada *tu foi*. O pronome *vós* já foi inteiramente eliminado do falar.

Pronomes

A grande preferência pelo democrático *tu* que é o grande nivelador das trocas faladas entre as pessoas. Ele funciona como quebra-gelo, como indicador de que a pessoa pode confiar, que está entre amigos, mas pode ser, por outro lado, profundamente agressivo. Há que se registrar também a presença do *você* que se alterna com o *tu* dando mais formalidade ao discurso.

Eliminação da Redundância

Os home, as água, eliminação da redundância no interesse de se diminuir o esforço da elocução e se estabelecer melhores ligações eufônicas. A língua formal recentemente adotou um plural semelhante, no caso dos

nomes de família, anotando “Os Maciel”, “Os Araújo”. Soa desagradável, no entanto. Talvez seja por isso que o povo tenha optado pela forma flexionada tanto do artigo como do nome, numa exceção da regra acima. “Me dixe o Jorge Simão, que foi quem leu *Os Sertões*, foi a luta mais sangrenta do sertão do Ceará, a de Maciéis e Araújo” (Marcílio Maciel, jornal *O Povo*, Caderno Vida e Arte, 05/10/97)

Reduções Facilitadoras

Oiar, caboco, home.

Fonemas Originais

O *d*, o *n* e o *t* que se apresentam com articulação característica, própria de algumas regiões do Nordeste, como é o caso do Crato, no Ceará, como nos exemplos *tia, dia, ninho, corrente*.

Rejeição ao s

O *s* sibilante, tanto no final da palavra, como em *nós fumo*; como medial, como em *mesmo*, é rejeitado em muitas instâncias, não só por ser desagradável ao ouvido como por ser de difícil articulação no trato vocal. Temos assim *mermo* por *mesmo*, *pashta* por *pasta*, *goshtar* por *gostar*, *beshta* por *besta*, *quaje* por *quase*, *dixe* por *disse*.

7 Em Busca de Princípios Universais

Propomos aqui que a língua informal é governada por universais lingüísticos. Destes universais extraímos os princípios que, de tal modo cristalizados, estabelecem as regras aplicáveis às generalizações de caráter máximo. Os princípios são aqui entendidos conforme os define Labov em seu “Principles of Linguistic Change, Internal Factors”: “um princípio é uma generalização que é irrestrita na sua aplicação no tempo e no espaço”.

Primeiro princípio: A formação da língua informal atende inicialmente à simplificação fonética atestada pela facilidade de articulação pelos falantes e percepção agradável ao ouvinte.

Segundo princípio: Os processos criativos da língua informal têm autorização natural. Distinguem-se, portanto, das formas grosseiras ou artificiais como, por exemplo, a palavra *anuênio* criada por burocratas e absolutamente desprovida de lógica.

especulações, em boa parte do seu corpo, não só como um esforço consciente de nossa parte em procurar fixar esta luz fugidia, mas também pelo lado inconsciente que certamente poderá ser detectado nas entrelinhas ou até claramente visto no debuxo de nossa reconhecida angústia.

8 CONCLUSÃO

Língua informal é entendida neste trabalho como o vernáculo utilizado pelas classes menos favorecidas da população, moradoras das periferias das grandes cidades ou da zona rural pobre. A remoção do estigma com relação a este vernáculo poderá ser um elemento facilitador não só para as atividades do mestre mas para as relações entre as pessoas em geral.

Alguns autores, a interpretar o pensamento de Bloomfield, chegaram ao ponto extremo de achar que não se poderia encontrar qualquer erro na fala do povo, ou, para usarmos a terminologia deste trabalho, na linguagem informal. Na verdade formas não-gramaticais existem nesta fala como resultado do conflito entre desempenho e competência. Chomsky admite uma linguagem "degenerada" (Labov, 1984) que, ao contrário do que se pode pensar, fortalece ainda mais a sua tese da linguagem como atributo inato do ser humano. Pois, argumenta ele, se uma criança não nascesse com a capacidade natural da linguagem, como poderia abstrair regras gramaticalmente corretas do meio onde a fala se encontra maculada?

Além da beleza natural do vernáculo em sua componente universal presente na fala dos povos em geral, existem no Nordeste do Brasil e especialmente no Estado do Ceará fortes razões sociais que levam seus habitantes a assumi-lo de maneira bastante original tornando-o um veículo muito rico e agradável. Não é sem razão que as redes de TV no Brasil têm explorado esta componente, utilizando sistematicamente a língua informal do povo nordestino em várias de suas novelas.

Este trabalho carrega consigo muito de nossa perplexidade diante de um tema fascinante, mas igualmente polêmico. Neste sentido ele apresenta nossas

9 BIBLIOGRAFIA

- BOTTOMORE, Tom (Editor). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- BURNAM, Tom. *The dictionary of misinformation*. New York: Thomas Y. Crowell Company, 1975.
- CHOMSKY, Noam. *Language and mind*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.
- CRYSTAL, David. *The Cambridge encyclopedia of language*. Cambridge, Mass: Cambridge University Press, 1987.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. São Paulo: Editora Globo, 1996.
- FOWLER, H.W. *A dictionary of modern english usage*. New York e Oxford: Oxford University Press, 1965.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge, Mass: Blackwell Publishers, 1994.
- _____. *Language in the inner city: studies in the black english vernacular*. University of Pennsylvania Press, 1965.
- _____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1984.
- LASSWELL, Harold. *A linguagem política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.
- PINKER, Steven. *The language instinct: how the mind creates language*. New York: William Moorow and Company, 1994.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1966.